

entre quatro comunidades da cidade de São Paulo, favelas com altos índices de tráfico de drogas. Entre os professores desmotivados pelos desafios diários e a desvalorização da carreira, Débora destoava com sua vontade de fazer a diferença.

“Cheguei com muita vontade e, logo abriu vaga para professor de tecnologia, que é parte do currículo da rede de ensino de São Paulo. Falei com a diretora que gostaria de tentar a vaga”, conta Débora, lembrando que a gestora não entendeu o motivo do pedido.

“Eu disse a ele que era porque eu acreditava que a tecnologia poderia transformar a vida desses meninos, e aí fiz uma proposta ousada. As crianças ficaram maravilhadas e, do dia para a noite, perdi as minhas turmas para dar aula para uma escola inteira. Quando fiz a avaliação diagnóstica, porém, tomei um banho de água fria. As crianças falaram: o principal problema, para mim, é o lixo.”

A partir daí, Débora começou a montar o quebra-cabeças e defasagens de aprendizagem, retirando os obstáculos um a um. “Pensei: ‘Bom, eu só tenho dois caminhos: ou vou me lamentar por aquilo que eu não tenho ou vou abraçar esse lixo e transformar essa realidade.’ E assim ela fez, e batizou o projeto de Robótica com Sucata.

Barreiras transpostas

Mesmo depois de encontrar parte da solução, as dificuldades se acumulavam. A expectativa dos alunos para uma aula de robótica não era sair pelas ruas catando lixo. Queriam usar computadores e acessar vídeos no YouTube. Mas o pior foi ouvir deles que robótica “não era para estudante de favela, é para aluno de escola particular”.

“Isso mexeu muito comigo, vi que precisava fazer um trabalho de escuta ativa e criei esse projeto que ficou na escola por três anos e meio, que consistia em tirar o lixo das ruas, limpar, pesar, entregar para as organizações governamentais e acionar os órgãos públicos”, detalha.

Depois, foi a hora de criar protótipos — barco, carro, avião — e também de pensar em soluções para os problemas da comunidade. Os estudantes criaram um sensor de movimento para a cadeira de rodas de uma estudante com deficiência que só movia o rosto;



A professora com alunos na aula de robótica



Coleta de lixo nas ruas da comunidade



Diploma do Global Teacher Prize, o Nobel



Com o ex-presidente dos EUA Barack Obama



Atividade com alunos do ensino fundamental



Representando o Brasil na ONU

um temporizador para economizar energia na escola; e montaram uma rede elétrica sustentável, já que a população local sofria com muitas quedas de energia devido ao número de ligações irregulares.

Os resultados se refletiram nos desempenhos individual e coletivo: 95% de redução do trabalho infantil e de 93% da evasão escolar. O Índice de Educação Básica (Ideb) da escola subiu de 4,2 para 5,2 nos anos finais do ensino fundamental, e mais de uma tonelada de lixo foi retirada das ruas de São Paulo.

“É muito complexo pensar que 82,9% dos nossos estudantes estão nas escolas públicas. É muito significativo pensarmos que essa educação precisa dar muito certo, e pensar também na história da nossa educação, que por muito tempo não foi acessível. À época que eu estudei, era difícil você ter acesso à

educação. Hoje, nós temos, mas falta ainda alcançar a qualidade e ressignificar essa educação. Falta olhar de forma muito significativa para a evasão escolar. Que escola é essa que os jovens deixam entre os anos finais do fundamental e o ensino médio? Por que poucos ainda têm o privilégio de chegar à universidade?”, reflete.

Melhor do mundo

Débora, por sua vez, foi condecorada com o Global Teacher Prize, considerado o Nobel da Educação, e reconhecida como um dos 10 melhores professores do mundo em 2019. Também recebeu uma carta de que se lembra com carinho até hoje e que dizia: “Obrigada, professora, por compreender que na favela moram pessoas”.

“Eu deixei a minha sala de aula, em 2019, para levar meu

trabalho para a rede estadual de São Paulo, colocar a tecnologia e a inovação no currículo”, orgulha-se Débora, destacando que conseguiu devolver para os estudantes, em forma de políticas públicas, aquilo que a educação a concedeu.

O trabalho no estado impactou 5,4 mil escolas e culminou na inauguração do Centro de Inovação da Educação Básica Paulista (Ciebp), que recebe estudantes da rede pública, com materiais e professores preparados. “Nasce uma política pública de grande sucesso, que foi dando o espaço para outras políticas”, celebra.

Débora também foi convidada a participar da estruturação de ginásios tecnológicos no Rio de Janeiro, espaços para valorizar a cultura maker, com programação e com robótica. Em seguida, volta para São Paulo, onde participa da criação da Escola de Formação para Profissionais da

Educação, com foco na formação continuada de professores.

Atualmente, ela está licenciada do cargo. O foco agora é atender a todos os convites, do país e do mundo, e se dedicar a consultorias e formação docente, para “democratizar mais ainda o acesso à tecnologia e educação”.

Futuro em construção

Paralelamente, mantém conversas com o Ministério da Educação com o objetivo de ajudar na implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Pensamento Computacional. As barreiras são várias: conhecimento, equipe técnica e recursos, mas Débora segue otimista. “Eu acredito muito, porque vi a vida ser resignificada perante os meus olhos.”

“O William foi meu aluno e chegou ao 8º ano sem saber ler e escrever. E ele fez um helicóptero na minha aula. Um dia ele me pediu: ‘Se eu voltar aqui todo dia depois da aula, você me ensina a ler e a escrever?’ Eu senti uma alegria enorme, porque, como professor, você espera esse despertar, mas também me senti extremamente frustrada por me deparar com essa situação”, relata a professora, que até hoje acompanha a trajetória do estudante. “Ele aprendeu a ler, terminou o ensino médio e está cursando o segundo ano de física na USP. O William foi excluído do sistema por muito tempo”, emociona-se.

Para que mais histórias como essa se repitam, Débora considera essencial preparar os professores. “Eu não fui preparada para lidar com a tecnologia”, exemplifica. “Mas ela está posta. Ter uma formação para lidar com essa situação é muito potente e necessário”, afirma.

Débora passou a última semana na Ucrânia, a convite do presidente Volodimir Zelensky, para participar da 5ª Cúpula de Damas e Cavaleiros, com representantes do mundo inteiro, com o objetivo de discutir a educação. “Eles acreditam que o trabalho de robótica com sucata pode ajudar a reconstruir o país”, relata.

“A educação é uma semente para transformar realidades, independentemente do lugar onde a gente cresça. Ela me ajudou a transformar a realidade dos meus estudantes e continua possibilitando que eu dê voz a diferentes colegas, a diferentes estudantes, mostrando essa força que tem a educação brasileira.”